

roteiro teatro/mercadoria (sétima versão 25-11-06)

entrada do público com a música "il nous ment" (fabulous trovadors).

[la chanson "Il nous ment" ne parle pas de politique, mais de l'entreprise... L'intérêt de cette chanson, c'est avant tout d'inventer une chanson de grève, une chanson de manifestation qui peut s'appliquer à toutes les situations... Ce qui compte, c'est le principe même que des gens prennent la parole dans une grève ou une manifestation, et chantent !]

a equipe recebe o público: "você não é uma mercadoria, este é o seu número [entrega ou cola um número] e esta a sua cadeira [entrega uma cadeira], escolha o seu lugar! [ou escolha uma posição!]"

quando a música acaba, a equipe continua tocando seus instrumentos. distribui canetas e papéis com a pergunta: "o que você acha que NÃO é, ou não deveria ser, uma mercadoria?".

fusão com a música "sr cobranza" (bersuit), todos cantam e tocam. escrevem as seguintes palavras num quadro-negro:

revistas, televisão, cavallo/delfim/meirelles/palocci, presidente, dentes, menen/fhc/collor/lula//lula, traficantes, sistema, dinheiro, pobres, narcos, vendem, polícia, um grama, compam, discursos, mercadores, selvagem, tiros,

dedinho

no

cu

(re) eleição, democratas

de

merda

filhos

da

puta

congresso, gritos, poder, latino etc.

[música "muevete" durante os textos seguintes:]

nos microfones

Lori - (1) Toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se apresenta como uma imensa acumulação de *espetáculos*. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação.

Chiris - (2) As imagens fluem desligadas de cada aspecto da vida e fundem-se num curso comum, no qual a unidade dessa mesma vida já não pode ser restabelecida.

Marírisa - (4) O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens.

Fernanda - (15) o espetáculo é a *principal produção* da sociedade atual.

Chiris - (18) o espetáculo é o contrário do diálogo.

Marísia - (20) O espetáculo é a reconstrução material da ilusão religiosa.

Lori - (29) A origem do espetáculo é a perda da unidade do mundo, e a expansão gigantesca do espetáculo moderno revela a totalidade desta perda: a abstração de todo o trabalho particular e a abstração geral da produção como um todo se traduzem perfeitamente no espetáculo, cujo *modo de ser concreto* é justamente a abstração.

Chiris - Não entendi, Lori.

Lori - (29) A origem do espetáculo é a perda da unidade do mundo, e a expansão gigantesca do espetáculo moderno revela a totalidade desta perda: a abstração de todo o trabalho particular e a abstração geral da produção como um todo se traduzem perfeitamente no espetáculo, cujo *modo de ser concreto* é justamente a abstração.

Fernanda - (30) A alienação do espectador em favor do objeto contemplado se exprime assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende a sua própria existência e o seu próprio desejo. Seus próprios gestos já não são seus, mas de um outro que os representa por ele.

Chiris - (42) O espetáculo é o momento em que a mercadoria ocupou totalmente a vida social. A produção econômica moderna espalha sua ditadura: a ditadura da imagem/mercadoria.

[Todos mudam de microfone]

a vida é lógica e absurda
a vida é lúcida e impossível
a vida é óbvia e incompreensível

Lori no microfone, cantando citação de Marx

"vivo só para fazer canções,
se me tirar o emprego, monsenhor,
farei canções para viver"

Marísia no microfone

em *béranger* [1780-1857] existe a confissão irônica de que o poeta se degrada quando a poesia se torna para ele um meio.

naturalmente, o escritor deve ganhar dinheiro para poder viver e escrever, mas, em

nenhum caso, deve viver e escrever para ganhar dinheiro.

Chiris no microfone

Karl Marx, 1842.

Alguém no microfone

Aquilo que se poderia chamar o valor de uso na recepção dos bens culturais é substituído pelo valor de troca, em lugar do prazer estético penetra a idéia de tomar parte e estar em dia. Em lugar da compreensão, ganha-se prestígio. O consumidor torna-se o álibi da indústria do entretenimento, a cujas instituições ele não se pode subtrair.

O valor de uso na arte é para os consumidores um fetiche, a sua valoração social, que eles tomam pela escala objetiva das obras, torna-se o seu único valor de uso, a única qualidade de que usufruem. Ela é um tipo de mercadoria, preparado, inserido, assimilado à produção industrial, adquirível e descartável, mas o gênero de mercadoria arte, que vivia do fato de ser vendida, e de, entretanto, ser invendável, torna-se – hipocritamente – o absolutamente invendável quando o lucro não é mais só a sua intenção, mas o seu princípio exclusivo.

Alguém no microfone

Theodor Adorno, 1947.

Lori no microfone

O que se atrofia na era da reprodutibilidade técnica da obra de arte é a sua aura. Generalizando, podemos dizer que a técnica da reprodução destaca do domínio da tradição o objeto reproduzido. Na medida em que ela multiplica a reprodução, substitui a existência única da obra por uma existência serial. E, na medida em que essa técnica permite à reprodução vir ao encontro do espectador, em todas as situações, ela atualiza o objeto reproduzido. Esses dois processos resultam num violento abalo da tradição. Eles se relacionam intimamente com os movimentos de massa, em nossos dias.

No momento em que o critério de autenticidade deixa de aplicar-se à produção artística, toda a função social da arte se transforma. Em vez de fundar-se no ritual, ela passa a fundar-se em outra práxis: a política.

Assim, o entretenimento estimula o culto do estrelato, que não quer conservar apenas a magia da personalidade, há muito reduzida ao clarão putrefato que emana do seu caráter de mercadoria, mas também o seu complemento, o culto do público, e estimula, além disso, a consciência corrupta das massas, que o fascismo tenta pôr no lugar de sua consciência de classe.

no microfone

A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. Walter Benjamin.

Fora dos microfones

número 17?

qual é o seu nome, por favor [o 17 é alguém do público]

- carlos

carlos, você não é uma mercadoria

[e assim por diante com outras pessoas do público]

[e depois]

eu não sou uma mercadoria

o rescopacabana não é uma mercadoria

o ar não é uma mercadoria

o teatro não é uma mercadoria

o sexo não é uma mercadoria

o mundo não é uma mercadoria

o joãozinho trinta não é uma mercadoria

o sorriso não é uma mercadoria

a tradição não é uma mercadoria

a família não é uma mercadoria

jesus não é uma mercadoria

a tia eloá não é uma mercadoria

tem um primo meu que não é uma mercadoria

a música não é uma mercadoria

o guy debord não é uma mercadoria

o che guevara não é uma mercadoria

o nosso olhar não é uma mercadoria

a saúde não é uma mercadoria

[a equipe lê as respostas do público sobre o que não é mercadoria]

o mac lanche feliz não é uma mercadoria

["música alemão", o texto seguinte é a tradução falsa (o que é falso?) da letra]

fernando no microfone [texto modificado em todas as apresentações]

o que estamos vivendo aqui começou com uma proposta do nosso grupo para a lei de fomento ao teatro de são paulo. nós não fomos selecionados, mas continuamos o projeto. fizemos uma proposta para o rescopacabana: nós tentamos vender nossa força de trabalho, e eles compram, se quiserem. eles quiseram. Então ficamos vários meses tentando vender o trabalho e aqui estamos. o mundo não é para amadores. mas nós somos persistentes e convidamos vocês a persistirem conosco. o mundo não é uma mercadoria, o Chávez não renovou a concessão da rctv e nós estamos aqui: juntos juntos juntos juntos juntos...

e agora eu não vou mais ficar traduzindo a letra desta música alemã, e posso improvisar à vontade, porque a liberdade não é uma calça velha, azul e desbotada! E quem mais quiser usar o microfone pode traduzir esta música, a tradução é livre, porque a liberdade não é uma calça velha, azul e desbotada etc.

[a equipe faz o que quiser. depois canta o refrãozinho da música: “não precisamos de refrão” etc.]

fer no microfone 2 (com funk carioca)

Manifesto da arte contra a barbárie:

O Teatro é uma forma de arte cuja especificidade a torna insubstituível como registro, difusão e reflexão do imaginário de um povo.

Sua condição atual reflete uma situação social e política grave.

É inaceitável a mercantilização imposta à Cultura no país, em que predomina uma política de eventos.

[atoladinha]

É fundamental a existência de um processo continuado de trabalho e pesquisa artística.

Uma visão mercadológica transforma a obra de arte em produto "cultural". E cria uma série de ilusões que mascaram a realidade da produção cultural no Brasil de hoje.

A atual política oficial, que transfere a responsabilidade do fomento à produção cultural para a iniciativa privada, transforma os órgãos públicos em meros intermediários de negócios.

[tá dominado]

A aparente quantidade de eventos faz supor uma efervescência, mas, na verdade, disfarça a miséria dos investimentos culturais de longo prazo que buscam a qualidade.

A maior das ilusões é supor a existência de um mercado. Não há mecanismos regulares de circulação de espetáculos no Brasil. A produção teatral é descontínua e no máximo gera subemprego.

Hoje, a política oficial deixou a Cultura restrita ao mero comércio do entretenimento.

A Cultura é o elemento de união de um povo. É tão fundamental quanto a Saúde, o Transporte e a Educação. É, portanto, prioridade do Estado.

[um tapinha não dói]

É imprescindível uma política cultural estável para a atividade teatral. Para isso, são necessárias as seguintes ações:

1. Definição da estrutura, do funcionamento e da distribuição de verbas dos órgãos públicos voltados à Cultura.
2. Apoio constante aos diversos grupos de Teatro do país.
3. Política regional de viabilização de acesso do público aos espetáculos.
4. Fomento à formulação de uma dramaturgia nacional.
5. Criação de mecanismos estáveis e permanentes de fomento à pesquisa e experimentação teatral.
6. Recursos e políticas permanentes para a construção, manutenção e ocupação dos Teatros públicos.
7. Criação de programas planejados de circulação de espetáculos pelo país.

Este texto expressa o compromisso e a responsabilidade histórica com a idéia de uma prática artística e política que se contraponha às diversas faces da barbárie - oficial e não oficial - que forjaram e forjam um país que não corresponde aos ideais e ao potencial do povo Brasileiro.

Música: Brecht cantando a “ópera dos três vinténs”

Lori no microfone 4

dois quadros inspirados nos “sete pecados capitais dos pequenos burgueses”, de bertolt brecht, peça escrita no longínquo 1933, ano em que o senhor Adolf Hitler ganhou as eleições na Alemanha e virou chanceler.

nos microfones 1, 2 e 3

vive la démocratie! Viva la democracia! God save the queen...

Lori no microfone 4

A cena deve ser a representação da viagem de duas irmãs vindas dos estados do sul do Brasil, que querem dinheiro para construir uma pequena casa para si e para sua família. Ambas se chamam Anna. Uma das duas Annas é empresária, a outra é artista. A primeira (Anna 1) é a vendedora, a outra (Anna 2) é a mercadoria. No palco há um pequeno painel onde será mostrado o percurso da viagem através de sete cidades. No palco está também o cenário do mercado, que será sempre transformado, ao qual Anna 2, a mercadoria, é enviada pela irmã. No palco está também a família das duas: o pai, a mãe e dois filhos, e

atrás deles cresce a pequena casa, que será ganha se os sete pecados capitais forem evitados.

Anna 1 e Anna 2 no tablado

Faz quatro semanas que chegamos
Nas grandes cidades para tentar nossa sorte
Achamos que em sete anos teremos conseguido
Então voltaremos

Minha irmã é bonita, eu sou prática.
Minha irmã é um pouco tonta, eu tenho juízo.
No fundo não somos duas pessoas.
Mas uma só.
Nós duas nos chamamos Anna
Temos um passado e um futuro
Um coração e uma caderneta de poupança
E cada uma só faz o que é bom para a outra
Não é verdade, Anna?
Sim, Anna.

Lori no microfone 4

Bom, dos sete pecados capitais que devem ser evitados por anna e anna para que realizem o sonho da casa própria, representaremos nesta noite apenas dois: o pecado capital número dois, o orgulho e o pecado capital número quatro, a gula.

Um cabaré pequeno e sujo. Anna 2 em cena é recebida pelos aplausos de quatro ou cinco fregueses de aspecto tão horrível que fica bastante assustada. Está pobremente vestida, mas dança com muita categoria, dá o melhor de si e não obtém êxito. Os fregueses estão infinitamente entediados, bocejam como tubarões (suas máscaras mostram dentes pavorosos em bocas gigantescas), jogam objetos em direção ao palco e com tiros derrubam a única lâmpada que existe. Anna 2 continua dançando, entregue à sua arte, até que o patrão faz com que saia do palco e manda para lá outra dançarina, velha e gorda, que mostra a Anna como se deve fazer para arrancar aplausos. A gorda dança de maneira ordinária e sensual e obtém grande sucesso. Anna recusa-se a dançar daquela maneira. Mas Anna 1, que estava junto do palco e havia sido a única a aplaudir a irmã e a chorar ao ver seu fracasso, incentiva-a a dançar como lhe pedem. Arranca sua saia demasiado comprida e manda-a de volta para o palco, onde a gorda lhe ensina como dançar levantando a saia cada vez mais sob o aplauso do público. E é ela que trás a alquebrada irmã de volta para perto do pequeno painel, para consolá-la.

Anna 1 e Anna 2 no tablado

Quando já estávamos arrumadas
Roupas, vestidos e chapéus

Encontramos uma vaga de dançarina num bordel
Em Campos, a segunda cidade de nossa viagem.

Ah, não foi fácil para Anna
Vestidos e chapéus fazem uma garota ficar pretensiosa
Então ela quis ser uma artista e fazer arte
Em Campos, a segunda cidade de nossa viagem
Mas não é isso
Que as pessoas querem.

Pois as pessoas pagam e querem
Que algo lhes seja mostrado em troca do dinheiro
Mas quando alguém esconde sua nudez como um peixe podre
Não pode esperar nenhum aplauso.

Então falei sério com minha irmã: Anna,
Orgulho é coisa pra gente rica!
Faça o que lhe pedem, não aquilo
Que gostaria que lhe pedissem.

Muitas noites ela me deu muito trabalho
Curá-la de seu orgulho não foi fácil!
E eu a consolava e dizia:
Pense na nossa casa!
E então ela respondia: sim, Anna.

Canção da família [a equipe canta]

Isso não vai para a frente!
O que elas mandam
não é bastante para construir uma casa!
Elas devoram tudo o que ganham!
É preciso passar um sabão nelas
Senão isso não vai pra frente.
O que elas mandam
não é bastante para construir uma casa!
Elas devoram tudo que ganham.
É preciso passar um sabão nelas

Lori no microfone 4

Pecado capital número quatro: a gula.

Anna é agora uma estrela. **[música]** Assinou um contrato segundo o qual tem que manter o peso e por isso não pode comer nada. Um dia, rouba uma maçã e come-a escondida, mas, quando é pesada, está com um grama a mais e o empresário arranca os cabelos. A

partir de então passa a ser vigiada pela irmã na hora de comer. É servida por dois criados armados de revólver e do prato em que todos se servem, ela só pode pegar uma pequena porção.

Canção da família [a equipe canta]

Chegou uma carta de São Paulo
Anna está bem, finalmente está ganhando dinheiro.
Tem um contrato como dançarina, modelo, manequim e atriz (tem até DRT!)
O contrato não permite comer demais.
Vai ser difícil: ela é muito comilona.
Tomara que consiga cumprir o contrato!
Eles não querem nenhum hipopótamo em São Paulo
É claro.

Ela é pesada todos os dias
Ai dela, se tiver um grama a mais
Porque o ponto de vista deles
É que compraram 52 quilos

Mas Anna é muito compreensiva!
Ela vai tomar cuidado, que contrato é contrato
ela dirá: finalmente você poderá comer
na sua cidade, Anna. Massa folheada! Escalope! Frango!
E aqueles bolinhos dourados de mel!

Pense em nossa casa!
Veja, ela está crescendo, um andar depois do outro, ela cresce!
Cuidado: gula faz mal!

[música do "tubarão"]

[imagens: publicidade/pornografia/arte/consumo]

a cena das lágrimas [com tablado]

Woyzeck (quadro 8)

Sentada com o filho no colo, um pedaço de espelho na mão.

Marie *se olhando no espelho* - Como estas pedras brilham! Como será que elas se chamam? O que foi que ele disse? Dorme, filhinho! Fecha bem os olhos. *A criança esconde os olhos com as mãos.* Mais forte ainda, fique assim, quietinho, senão ela vem te pegar. *Ela canta*

Dorme neném

Que a cuca vem pegar
Papai foi na roça
Mamãe logo vem

Olha-se de novo no espelho. Com certeza é ouro! A gente só tem um pedaço de terra e um caco de espelho, mas eu tenho a boca tão vermelha como essas madames com espelhos de corpo inteiro e homens bonitos que beijam a mão, só que eu sou uma pobre coitada. *A criança se levanta.* Quietinho, filhinho, fecha os olhos, lá vem o anjinho do sono, ele corre pela parede (*ela faz reflexos com o espelho*), fecha os olhos, senão ele vai entrar nos teus olhos e te deixar cego.

Woyzeck entra por trás dela. Ela leva as mãos às orelhas

Woyzeck - O que você tem aí?

Marie - Nada.

Woyzeck - Tá brilhando na tua mão.

Marie - Um brinco, eu achei um brinco.

Woyzeck - Pois eu nunca encontrei nada igual. E dois de uma vez!

Marie - Você acha que eu sou uma vagabunda?

Woyzeck - Tá bom, Marie!, o menino tá dormindo. Pega ele no colo, a cadeira tá machucando. Ele tá suando no rosto. Só tem trabalho debaixo do sol, até dormindo a gente sua. A gente é mesmo coitado! Pega, aqui tá o dinheiro, Marie, meu salário e um extra que o capitão deu.

Marie - Deus te abençoe, Franz.

Woyzeck - Eu preciso ir. Até de noite, Marie.

Marie *sozinha, depois de uma pausa.* Eu sou mesmo uma má pessoa. Eu podia me matar, com uma facada. Que mundo! Que vá tudo pro diabo, os homens e as mulheres. **[a atriz chora muito]**

Entram contra-regras (especialistas de olhar aguçado) que tratam do cabelo, maquiagem, figurino e recolhem as lágrimas da atriz.

Volta cena do Woyzeck, repete-se a seqüência: especialistas, lágrimas.

Volta cena do Woyzeck, a estrutura da cena é mantida - gestos, marcas, expressões faciais - mas os textos dos atores são fragmentos críticos do modelo televisivo de teatro e do "espetáculo":

Marie - O espetáculo é uma forma de sociedade em que a vida real é pobre e fragmentária, e os indivíduos são obrigados a contemplar e a consumir passivamente as imagens de tudo o que lhes falta em sua existência real. (*cantando para o bebê*)

Até hoje os filósofos
Interpretaram o mundo
Agora é preciso
Começar a transformá-lo

[Marx, décima-primeira tese sobre feuerbach]

Você olha para os outros, estrelas, políticos, celebridades, e eles vivem no nosso lugar. (*fala com o bebê fazendo reflexos com o espelho*) A realidade torna-se uma imagem, e as imagens tornam-se realidade; a unidade que falta pra vida, recupera-se, falsamente, no plano da imagem. [Anselm Jappe].

Woyzeck entra por trás dela. Ela leva as mãos às orelhas

Franz – O espetáculo é o capital em tal grau de acumulação que se torna imagem.

Marie – É verdade, Franz.

Franz – O espetáculo é um monólogo.

Marie – O espetáculo corresponde a uma fabricação concreta da alienação.

Franz – O espetáculo domina os homens quando a economia já os dominou totalmente. Ele nada mais é que a economia desenvolvendo-se por si mesma. É o reflexo fiel da produção das coisas. [16] (*dá o dinheiro para a Marie*) É uma degradação do ser para o ter, e do ter para o parecer. [17]

Marie – Vamos fazer a revolução, Franz.

Woyzeck – Eu vou começar agora, Maria. Até de noite.

Marie – O espetáculo é a ideologia por excelência porque expõe e manifesta em sua plenitude a essência de todo sistema ideológico: o empobrecimento, a sujeição e a negação da vida real. O espetáculo é “a expressão da separação e do afastamento entre o homem e o homem.” [Debord 215, com Marx]

Ao final desta cena, Marie deve estar chorando copiosamente. Os especialistas preparam-se para suas atividades, mas a atriz recusa. Especialistas atônitos.

O ator que fazia Woyzeck vai até a janela, abre as cortinas, entra a luz e o som da rua.

[silêncio.]

Lori no microfone

O homem alienado daquilo que produz, mesmo criando os detalhes do seu mundo, está separado dele. Quanto mais sua vida se transforma em mercadoria, mais ele se separa dela. [debord parágrafo 33]

A atriz que faz Marie retoma sua marca no tablado e repete maquinalmente, olhando-se, ora no espelho, ora no espelho que é o público:

Eu sou apenas uma atriz, eu sou apenas uma atriz.

Chris no microfone

o que é que todos eles querem de mim? Por que me perseguem? Por que são tão duros comigo? Afinal, eu sou apenas uma atriz!

Demian no microfone

o que é que todos eles querem de mim? Por que me perseguem? Por que são tão duros comigo? Afinal, eu sou apenas um músico!

Gavin no microfone

o que é que todos eles querem de mim? Por que me perseguem? Por que são tão duros comigo? Afinal, eu sou apenas um videoartista!

Fernando no microfone

o que é que todos eles querem de mim? Por que me perseguem? Por que são tão duros comigo? Afinal, eu sou apenas um diretor!

[projeção de filmes publicitários da fernanda: bradesco + petrobrás + bulhões de carvalho.]

Fernanda no microfone

o que é que todos eles querem de mim? Por que me perseguem? Por que são tão duros comigo? Afinal, eu sou apenas uma atriz!

Alguém no microfone

mefisto, klaus mann.

Momento quiz. Homenagem àquela mulher que teve um bebê com o Mick Jagger.

Alguém no microfone

A arte ou faculdade de examinar e julgar as obras do espírito; análise, comentário ou apreciação teórica e estética; juízo crítico, discernimento, critério; discussão dos fatos históricos é:

Outro alguém no microfone

- a. Culinária
- b. intuição
- c. religião
- d. automobilismo
- e. nenhuma das respostas acima

Outro alguém no microfone

Resposta no programa do teatro/mercadoria.

Alguém no microfone (+ imagens)

No mundo atual, toda cultura, toda literatura e arte pertencem a uma classe determinada e estão subordinados a uma linha política determinada. Não existe, na realidade, arte pela arte, nem arte que esteja acima das classes sociais, nem arte que se desenvolva paralela à política ou seja independente dela.

É prejudicial para o desenvolvimento da arte e da ciência recorrer a medidas administrativas para impor um estilo particular de arte ou escola de pensamento e proibir outro. O problema do correto e do errôneo em arte e em ciência deve resolver-se mediante discussões livres nos círculos artísticos e científicos, através da prática da arte e da ciência, e não de maneira simplista.

Alguém no microfone

Textos do camarada Mao Tsé-Tung.

no microfone

nós somos os operários da indústria do imaginário

Chiris no microfone

A indústria do entretenimento tem todo o interesse em estimular a participação das massas através de concepções ilusórias e especulações ambivalentes. Com esse objetivo, ela mobiliza um poderoso aparelho publicitário, põe a seu serviço a carreira e a vida amorosa das estrelas, realiza concursos de beleza. Tudo isso para corromper e falsificar o

interesse original das massas pelo. Vale para o entretenimento o que vale para o fascismo em geral: ele explora secretamente, no interesse de uma minoria de proprietários, a indestrutível aspiração por novas condições sociais.

Lori no microfone

A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica, 1936, Walter Benjamin.

Fernanda no microfone

A sociedade de consumo é um novo fascismo, que transformou radicalmente os jovens, que os tocou no que eles tinham de mais íntimo, dando a eles outros sentimentos, outras maneiras de pensar, de viver, outros modelos culturais [...] O indivíduo médio de hoje só pode interiorizar um fiat, um refrigerador, um fim de semana na praia.

A verdadeira tragédia de todo poeta talvez seja a de atingir o mundo só metaforicamente.

Marísia no microfone

Pier-Paolo Pasolini.

Chiris e Lori nos microfones 2 e 3

[música dos beastie boys editada, “rap da publicidade”.]

fora do microfone

agora vamos propor um momento muito pouco comercial. Vamos ouvir uma música contemporânea com textos - incompreensíveis! - do Gilles Deleuze. a cena também será pouco compreensível. nós ensaiamos algumas coisas, mas a cada noite inventamos algo novo. assim, meio desconstrutivista, neo-pós-estruturalista. É nossa homenagem aos “estudos culturais”, ao Jean Baudrillard e ao Miguel Falabella.

[cena neo-pós-estruturalista, diferente todas as noites, convidados]

no microfone

O teatro-mercadoria, situação 1, aconteceu até aqui como farsa, agora estão reunidas as condições históricas para que ela se realize como tragédia! **[expropriando Marx sobre Napoleão III].**

[Música: Internacional ou equivalente]

nos microfones

código aberto

creative commons
copyleft
software livre
rádio livre
tv livre
antenas livres
ondas livres
sempre livre
som livre

no microfone

invertendo, mas concordando, com mario benedetti:

no microfone

"só quando transgrido algum futuro a ordem se torna respirável."

no microfone

rosa luxemburgo:

no microfone

"quem não se mexe não sente as amarras que o prendem."

no microfone

de uma tese do 9º congresso dos estudantes da usp:

no microfone

"dialogar: verbo intransitivo."

no microfone

de um texto situacionista:

no microfone

"o que queremos, de fato, é que as idéias voltem a ser perigosas."

nos microfones

ideologia saqueada
sabotagem cultural

terrorismo poético
distúrbio cotidiano
atentado artístico
panfletagem subliminar
ativismo global
intervenção local
peripécia libertária
subversão estética

[música de comercial. frascos com as lágrimas recolhidas na “cena das lágrimas”]

no microfone

No teatro/mercadoria quanto custa uma lágrima? E uma gota de sangue? O suor do ator ou da atriz? E o sorriso do público?

[imagens: che em trânsito. o espetáculo das imagens cínicas]

[intervenção sonora/gavin: jingles, campanhas políticas, propagandas, slogans, programas de rádio etc.]

[intervenções poéticas do público]

no microfone

"O espetáculo é o contrário da vida vivida!"

[A equipe com sacos de supermercado na cabeça toca e canta “Mercador de sonhos”, do Careqa. Próximos textos com a música, mas apenas instrumental].

no microfone

O equilíbrio é colocado em questão a cada vez que pessoas desconhecidas tentam viver de um outro jeito. Mas isso sempre acontece longe de nós. A gente fica sabendo pelos jornais, pelas revistas de atualidades. Nós ficamos de longe, como diante de mais um espetáculo. É muito decepcionante. Em que momento a escolha demorou pra ser feita? Quando a ocasião foi desperdiçada? Nós não encontramos as armas necessárias. Nós deixamos que as coisas acontecessem. Que o tempo passasse. Eu deixei perder o que era para defender.

A pobreza dos meios está encarregada de exprimir a escandalosa pobreza do sujeito.

Normalmente, os acontecimentos de uma existência individual, tal como ela é organizada, os acontecimentos que nos dizem realmente respeito, e exigem nossa adesão, são precisamente aqueles que nos deixam como espectadores distantes e aborrecidos, indiferentes. Ao contrário, a situação que é vista através de uma transposição artística

qualquer é freqüentemente aquela que chama a atenção, e que merece que nós nos tornemos atores, participantes. Eis aí um paradoxo a inverter, a colocar de pé. É isso que é preciso realizar pelos atos. E o espetáculo do passado fragmentado e filtrado, idiota, cheio de som e fúria, não é o caso de transmiti-lo, de representá-lo (como se diz), num outro espetáculo organizado, que jogaria o jogo da compreensão regrada e da participação. Não. Toda expressão artística coerente exprime já a coerência do passado, a passividade.

É conveniente destruir a memória na arte. De arruinar as convenções da sua comunicação. De desmoralizar seus amantes. Que trabalho!

Nós não inventamos nada. A gente se adapta, com algumas nuances, à rede de percursos possíveis. A gente se habitua, parece.

No retorno da fábrica [da empresa, da escola, do teatro] as pessoas têm menos coração do que quando foram. Queridas crianças, a aventura morreu.

Quem resistirá? É preciso ir além desta derrota parcial. É claro. E como fazer?

Esta peça se interrompe, mas não acaba. Todas as conclusões ainda devem ser tiradas, os cálculos, refeitos. O problema continua posto, seu enunciado se complica. É preciso recorrer a outros meios. Esta mensagem informal, assim como não tinha razão profunda de começar, não tem para terminar.

Eu começo agora a fazer com que vocês compreendam que eu não quero jogar este jogo.

[Guy debord “Crítica da separação”]

no microfone

nós somos os palestinos do espetáculo triunfante.

no microfone

Todo sonho permanece sendo sonho pelo fato de ter tido muito pouco êxito, de ter conseguido finalizar pouca coisa. Por isso, ele não pode esquecer aquilo que falta, e mantém a porta aberta em relação a todas as possibilidades. A porta no mínimo entreaberta, quando se dirige para coisas agradáveis, chama-se esperança.

[Ernst bloch “Princípio esperança”]

[Música do Castanha e Caju “O filho do Dr. e a criança abandonada”, a equipe recolhe os números do público e organiza a cena]

no microfone

fim: agora começa.